

LITERATURA NAHUATL E TRADUÇÃO EM *EL DESTINO DE LA PALABRA*, DE MIGUEL LEÓN- PORTILLA¹⁹

NAHUATL LITERATURE AND TRANSLATION IN *EL DESTINO DE LA PALABRA*,
BY MIGUEL LEÓN-PORTILLA

Sara Lelis de Oliveira²⁰

RESUMO: Este trabalho pretende evidenciar o papel da tradução na difusão da literatura nahuatl pelo historiador mexicano Miguel León-Portilla em sua obra *El destino de la palabra. De la oralidad y los códices mesoamericanos a la escritura alfabética* (1996). A tradução atua como meio fundamental para conceber a noção de literatura e suas respectivas categorias e características no período pré-hispânico do México (1430 – 1519), bem como para divulgá-la como tal tendo em vista o desconhecimento majoritário da língua em que ela foi produzida: o nahuatl. O acesso à parte do conhecimento cultural sobre os povos nativos do território mesoamericano é possível em razão da transliteração da oralidade e da interpretação oralizada dos livros pictográficos para o alfabeto latino durante o século XVI. Por intermédio da tradução desses manuscritos, León-Portilla identifica um caráter literário que sustenta a divulgação desse material como literatura. O labor do historiador caracteriza-se por relacionar as características linguístico-literárias desse material a fim de atestar a existência de uma literatura pré-hispânica em língua nahuatl. Constata-se, em nossa análise, a relevância da tradução na concepção e transmissão dessa literatura mesoamericana uma vez que a possibilidade de sua existência atravessa a problemática da tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Miguel León-Portilla; Literatura Nahuatl; Tradução.

¹⁹ Este trabalho consiste em uma segunda versão, ligeiramente modificada, do trabalho publicado em agosto de 2018 nos anais da XIII Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana sob o título “O papel da tradução na difusão da Literatura Nahuatl”. A diferença entre ambos consiste na constatação posterior de que, ao traduzirmos os textos em língua nahuatl para o espanhol, não se acessa a cosmovisão nahua pré-hispânica através da correspondência de significados entre o referido par linguístico. Compreender a cultura do Outro e concebê-la em uma língua estrangeira implica o entendimento do nahuatl em sua própria lógica cultural revelada na estruturação da língua. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1jFYAhWC5MzcQotznm68IX4R0q7IWyxGh/view>
Acessado em: 26/09/2018.

²⁰Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília – Brasil. Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília – Brasil. E-mail para contato: saralelis@gmail.com

ABSTRACT: This work aims to evidence the role of translation in Nahuatl Literature diffusion by the Mexican historian Miguel León-Portilla in *El destino de la palabra. De la oralidad y los códices mesoamericanos a la escritura alfabética* (1996). Translation performs as a crucial means to conceive the notion of literature and its respective categories and features from the pre-Hispanic period of Mexico (1430 - 1519), as well as publicize it as such in view of the majority unawareness of Nahuatl, language in which it was produced. The possibility to access part of the culture knowledge of native peoples of Mesoamerican territory dues to the transliteration of orality and oral language interpretation of pictorial books into the Latin alphabet during the 16th century. Then, through the translation of these manuscripts, León-Portilla identifies a literary character that supports the dissemination of this material as literature. León-Portilla's work is characterized by relating the linguistic and literary characteristics of this material in order to demonstrate the existence of a pre-Hispanic literature produced in Nahuatl language. It is verified, in our analysis, the importance of translation in the conception and transmission of Mesoamerican's pre-Hispanic literature since the possibility of its existence must pass through translation.

KEYWORDS: Miguel León-Portilla; Nahuatl Literature; Translation.

1. INTRODUÇÃO

Narra o cronista espanhol Bernal Díaz delCastillo (1492 - 1584) em sua *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España* (1632) que, ao chegarem os primeiros castelhanos à península de *Yucatán* - sul do território mesoamericano conhecido atualmente como México²¹, eles se depararam com “muitos livros de papel”:

E encontramos as casas dos ídolos e sacrificadores, e sangue derramada e incensos com os quais defumavam, e outras coisas de ídolos e de pedras com as quais sacrificavam, e plumas de papagaios, e muitos livros de papel, dobrados, da mesma forma que os tecidos de Castela...²²(DÍAZ del CASTILLO, 1939, p. 169, tradução nossa).

²¹ Não totalmente, mas as questões territoriais mexicanas são históricas e merecem outro artigo.

²²Texto original: “Y hallamos las casas de los ídolos y sacrificaderos, y sangre derramada e incensos con que sahumaban, y otras cosas de ídolos y de piedras con que sacrificaban, y plumas de papagayos, y muchos libros de papel, cogidos a dobleces, como a manera de paños de Castilla...”.

Os “livros” aos quais se refere Díaz Del Castillo eram, em realidade, os manuscritos pictográficos pré-hispânicos ou os chamados códices²³. Não se pareciam de todo com os livros europeus: como observou o cronista espanhol, eles eram dispostos “dobrados, da mesma forma que os tecidos de Castela”. E ao passo que nos livros europeus predominavam os caracteres, nos livros pré-hispânicos predominavam as pinturas, seu elemento mais característico²⁴. Em nahuatl, o vocábulo que designa “livro” é *amoxtli*²⁵ e este não é feito de papel, mas de fibra de *maguey* (um tipo de agave).

A realidade da existência dos *amoxtli* no período pré-hispânico pode despertar a curiosidade de muitos, tal como chamou a atenção dos primeiros castelhanos que invadiram o território mesoamericano. Com a consumação da Conquista do México (1519 – 1521) pelo exército do espanhol Hernán Cortés e pelos povos indígenas contrários ao Império Mexica, os livros pictográficos indígenas foram também objeto de interesse dos missionários católicos que arribaram no território no propósito de evangelização durante o período colonial do século XVI. Alguns com o objetivo de destruí-los e outros com o objetivo de preservá-los. Graças a estes últimos, com a cooperação de indígenas descendentes, sobreviveram alguns desses manuscritos que servem

²³ O vocábulo “códice” provém de *codex*, termo utilizado na Antiguidade Clássica para designar “as tábuas onde se escreve”. O termo foi apropriado para intitular os *amoxtli* (do nahuatl, “conjunto de papéis de *amate*– os manuscritos) elaborados pelos povos indígenas pré-hispânicos (LEÓN-PORTILLA, 2012, p. 7).

²⁴ Leia-se “mais característico”, pois os povos nahuas utilizaram-se de glifos silábicos. Só não de maneira tão desenvolvida quanto os povos maias (NATALINO dos SANTOS, 2002, p. 88). O historiador mexicano Miguel León-Portilla também sustenta a mesma constatação: “*Mucho menos completa fue la escritura, también logo-silábica, de otros mesoamericanos como los mixtecos y nahuas. No obstante, su sistema glífico les permitía consignar fechas, nombres de personas y lugares, así como numerosas ideas incluso abstractas o referentes a determinados géneros de acontecimientos*” (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 12).

²⁵ “O termo *amoxtli* está composto de *amatl*, papel (feito de cutícula fibrosa que subjaz à casca da árvore *amate*, do gênero dos figos), e de *ox-tli*, o que está reunido ou emplastrado. O vocábulo resultante, *amoxtli*, significa *composição* ou *conjunto de papéis de *amate**” (LEÓN-PORTILLA, 2012, p. 15, tradução de Carla Carbone). Todas as citações em língua portuguesa à obra de 2012 de Miguel León-Portilla são traduções de Carla Carbone.

de rastro para se acessar a cultura do antigo México, sendo eles objeto de pesquisa até os dias atuais.

Os manuscritos pictográficos indígenas foram salvaguardados tanto pelos indígenas quanto pelos freis católicos. Ambos trabalharam em prol de transladar as tradições extraídas oralmente dos livros para serem ensinadas nas *calmecac* (vocábulo em nahuatl para designar o lugar onde se transmitia conhecimento), bem como das tradições orais memorizadas e transmitidas entre os povos para a escritura alfabética (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 15). Para os indígenas, o importante era não permitir o desaparecimento das tradições de seus antepassados, de sua identidade, enquanto que para os freis, os manuscritos consistiam em um meio de conhecer a cultura indígena no intuito de erradicar o que era impróprio no Catolicismo Romano e, posteriormente, implantá-lo. “Também houve o caso de alguns frades humanistas que chegaram a se interessar pelas culturas indígenas e por suas criações literárias” (LEÓN-PORTILLA, 2012, p. 66), como é o caso do missionário Bernardino de Sahagún (1500 – 1590).

Sahagún compilou, segundo o padre e filólogo mexicano Ángel María Garibay Kintana (1892 – 1967), a grande obra *Cantares Mexicanos*²⁶, um manuscrito que esteve perdido durante aproximadamente trezentos e trinta anos. Foi encontrado na Biblioteca Nacional do México no final do século XIX e publicado no mesmo século em edições fac-símiles e paleografias. Sua divulgação em tradução para o espanhol mexicano aconteceu em parte em 1953, com *Historia de la Literatura Nahuatl*, e sua primeira parte na íntegra em 1965 com *Poesia Nahuatl*, ambas obras do padre Garibay. Com essas obras, Garibay foi o responsável por, no século XX, resgatar e difundir os *Cantares* e

²⁶ A grande obra *Cantares Mexicanos* é formada por nove partes: 1. *Cantares Mexicanos*, 2. *Kalendario Mexicano (en castellano)*, 3. *Arte divinatorio de los Mexicanos (en castellano)*, 4. *Ejemplos de las Sagradas Escrituras en Mexicano*, 5. *Un sermón sobre aquello de Estole Sancti (Sed santos..., también en Mexicano)*, 6. *Memoria de la muerte (en Mexicano)*, 7. *Vida de San Bartolomé (en Mexicano)*, 8. *Fábulas de Esopo (puestas en Mexicano)*, 9. *Historia de la Pasión (en Mexicano)* (CURIEL DEFOSSÉ, 1995, p. 71).

outros manuscritos indígenas pré-hispânicos em tradução. Não somente, constituiu a chamada Literatura Nahuatl defendendo o mesmo ponto de vista que os missionários-cronistas deixaram como testemunho: os povos indígenas pré-hispânicos foram produtores de *poesia*, no sentido etimológico grego de criação literária (*poietiké*)²⁷ que envolve o que conhecemos atualmente sob o título poesia, mas também prosa: “Seria já possível conjecturar que os povos dessa língua tiveram seu modo de expressão poética. Todos os povos têm. Mas aqui abundam os testemunhos dos investigadores primitivos que foram os missionários cristãos²⁸ (GARIBAY, 1965, p. v, tradução nossa). Garibay intitulou ambos os gêneros literários de *cuicatl*, termo em nahuatl para designar a poesia, e *tlahtolli*, termo em nahuatl para designar a prosa (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 238). Vale observar que a própria concepção de literatura pré-hispânica por intermédio da conceituação *poesia* resulta da prática tradutória do padre mexicano se admite-se que o trânsito entre as línguas propicia o isolamento de características que, ao serem organizadas a partir de determinado ponto de vista, dão origem a um conceito (HARDY-VALLEÉ, 2013, p. 19) .

Todo esse brevíssimo percurso introdutório sobre os manuscritos indígenas pré-hispânicos para chegarmos ao ponto central de nosso trabalho: a correlação entre literatura nahuatl e tradução presente no trabalho do historiador mexicano Miguel León-Portilla²⁹, aluno e discípulo de Garibay. Os estudos de León-Portilla sobre os *cuicatl* e os *tlahtolli* são uma parte de sua pesquisa apresentada na obra *El destino de La palabra: De La oralidad y los*

²⁷ “Rostagni aduz que “poética”, em Aristóteles, é sempre um abstracto (arte da poesia) e “poesia” sempre um concreto (criação poética)” (SOUSA, 2003, p. 149)

²⁸Texto original: “Podría ya conjeturarse que los pueblos de esta lengua tuvieran su modo de expresión poética. Todos los pueblos lo tienen. Pero aquí nos abundan los testimonios de los investigadores primitivos que fueron los misioneros cristianos”.

²⁹ Miguel León-Portilla (1926 -) é considerado um dos maiores historiadores do século XX, especialmente por sua ampla produção bibliográfica centralizada no período indígena do México.

glifos mesoamericanos a la escritura alfabética (2013³⁰). Neste estudo, “*Cuicatl y Tlahtolli: las formas de expresión en nahuatl*” (2013, p. 237-355), León-Portilla pretende descrever a natureza, os gêneros e os principais atributos dos manuscritos indígenas que foram transcritos da oralidade e da interpretação oral dos livros pictográficos para o alfabeto latino a fim de contribuir com a questão central de sua obra: a possibilidade de conservar no texto escrito em nahuatl a linguagem com a qual os “textos” eram produzidos no período pré-hispânico. O historiador mexicano inspira-se no trabalho de Garibay, realizado na obra *Historia de la Literatura Nahuatl*, em que o padre descreve as características gerais da referida literatura, para analisar outros manuscritos pré-hispânicos em língua nahuatl. “O propósito é salientar suas peculiaridades, aquilo que como disse Sahagún, ‘todos os índios entendidos, se fossem perguntados, afirmariam que essa linguagem é própria de seus antepassados e das obras que eles compunham’³¹ (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 17).

Nesse propósito, a tradução assume papel central uma vez que é por intermédio do texto traduzido que León-Portilla analisa os manuscritos em nahuatl, isto é, através do texto em língua espanhola mexicana. O historiador, no entanto, e assim como Garibay, não destaca a tradução como prática crucial sobretudo em razão de seu propósito de retomar a linguagem indígena pré-hispânica em seu caráter oral. O problema reside em não problematizar o processo tradutório do nahuatl para o espanhol mexicano, o que abre caminho para traçar uma série de características não da língua/linguagem nahuatl, mas da tradução dos manuscritos para o espanhol. Essa averiguação ocorre mediante nossa análise de exemplos apresentados no referido estudo “*Cuicatl*

³⁰ A primeira edição data de 1996. Temos em mãos sua quinta reimpressão, do ano 2013. No restante deste trabalho nos referiremos à obra somente por seu título, *El destino de la palabra*.

³¹Texto original: “*El propósito es poner de relieve sus peculiaridades, aquello que como ya Sahagún lo dejó dicho, ‘todos los indios entendidos, si fueren preguntados, afirmarán que este lenguaje es propio de sus antepasados y obras que ellos hacían’.*”

y *Tlahtolli...*”, no qual observamos que a enumeração parte de características provenientes da literatura ocidental tais como paralelismo, a métrica, a estilística, entre outros, todos esses atributos provenientes da literatura ocidental. Mas a averiguação se comprova, em efeito, ao traduzimos os mesmos trechos para o espanhol, o que possibilitou constatar que a tradução pela mera correspondência de significados entre o par linguístico não permite extrair elementos próprios da língua nahuatl. Ou seja, para conservar a linguagem com a qual os textos eram escritos no período pré-hispânico é necessária uma tradução que penetre as composições de linguagem do texto em nahuatl, o que não se percebe no trabalho de León-Portilla e se comprova em nossa tradução para o espanhol a nível dos significados. Analisar-se-ão, neste trabalho, dois de seus exemplos discutidos por León-Portilla em tradução no intuito de pontuar a importância que a tradução exerce nesse estudo do historiador.

2. EL DESTINO DE LA PALABRA

El destino de La palabra, obra do historiador, pesquisador e professor mexicano Miguel León-Portilla, consiste em uma compilação de quatro estudos realizados em diferentes momentos de sua trajetória de investigação no campo da historiografia (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 15)³². De maneira geral, o propósito da obra está expresso no título: diz respeito ao destino da palavra dos povos mesoamericanos, especialmente aos povos de língua nahuatl, após o massacre e transformação da cultura indígena em razão da invasão castelhana (1519) e seus fins de dominação política e doutrinação católica a partir de

³² São eles: *Primera parte: ¿Hemos traducido la antigua palabra?* (p. 19-71), *Segunda parte: Del código pictográfico a la luminosa prisión del alfabeto* (p. 73-115), *Tercera parte: La religión de los nicaraos. Análisis y comparación de tradiciones nahuas* (p. 117-235), *Cuarta parte: Cuicatl y Tlahtolli: las formas de expresión en nahuatl* (p. 237-255).

1521. Que destino tomaram as tradições de um sistema de raízes milenares como foi o dos povos habitantes da Mesoamérica?

A ruptura da cultura dominante no período pré-hispânico preocupou os entoadores de cânticos, sábios, escrivães, pintores de códices e até mesmo sacerdotes e freis castelhanos ao se darem conta da exterminação e modificação progressivas de suas tradições proferidas oralmente (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 1), levando-os, durante o período colonial mexicano do século XVI, a registrarem-nas no alfabeto latino com fins de preservá-las. No entanto, no trabalho de transcrição da oralidade e da interpretação oral dos glifos para o alfabeto latino deve-se

reconhecer que esse processo afetou profundamente ao que qualificamos como sistema indígena de preservação de conhecimento com raízes milenares. Em realidade, ocorreu uma substituição. Nos “textos indígenas que foram colocados por escrito com o alfabeto ficou silenciada a oralidade e desaparecem os signos glíficos e, quase sempre, também todas ou a maior parte das imagens pintadas com cores vivas³³(LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 14, tradução nossa).

Além disso, assinala León-Portilla, não se deve desconsiderar as diversas formas de manipulação dos textos nesse processo. Por essa razão, é fundamental contrastar os manuscritos em língua nahuatl com os poucos glifos que sobreviveram às queimas por missionários que consideravam a cultura indígena como idolatria (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 2). Somente assim há a possibilidade de legitimar o conteúdo dos manuscritos sem qualquer interferência castelhana.

³³ Texto original: “...reconocer que este proceso afectó hondamente al que hemos calificado de sistema indígena de preservación de conocimiento con raíces milenarias. En realidad se produjo una sustitución. En los “textos indígenas que se pusieron por escrito con el alfabeto quedó silenciada la oralidad y desaparecieron los signos glíficos y, casi siempre, también todas o la mayor parte de las imágenes pintadas con vivos colores”.

O estudo dos *cuicatl* dos *tlahtolli*, denominados por Garibay como “literatura nahuatl” (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 238), depende fundamentalmente da distinção documental referente à conversão para a escritura do que pertenceu realmente ao período pré-hispânico e não fora afetado pela influência estrangeira. Isso porque o objetivo de León-Portilla é traçar uma série de características da linguagem – dos *cuicatl* dos *tlahtolli* – com a qual se transmitia as tradições indígenas. Sua indagação parte de questionamentos anteriores por parte de outros pesquisadores, os quais apontam inúmeras condições que não tornam o processo de conversão fidedigno, como por exemplo, o constrangimento e a coerção dos informantes na interação do interrogatório e a distorção do conhecimento por parte do ouvinte e escritor castelhano, quem poderia não transmitir o que era sagrado na outra cultura intencionalmente ou não. Nem mesmo se pode considerar fiel o transvase elaborado pelos próprios indígenas devido à contaminação castelhana no pensamento indígena após a introdução dos valores estrangeiros. Os únicos registros absolutamente inquestionáveis seriam, segundo León-Portilla, os vestígios arqueológicos, pinturas e códices realizados antes do confronto entre culturas (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 15).

Neste sentido, *que* valor se poderia atribuir como testemunho indígena aos “textos” (denominados *cuicatl tlahtolli*) transcritos em nahuatl para o alfabeto latino ao estar desconsiderada a autenticidade do material compilado? A conclusão é, no mínimo, dramática para os investigadores na área. Ao mesmo tempo, León-Portilla afirma ser ingênuo considerar tanto que as transcrições em nahuatl são em efeito as tradições orais enunciadas quanto considerá-las meras produções do período colonial.

O historiador aborda o conjunto de questões de diferentes maneiras. Sua porta de entrada é, nessas condições, os livros utilizados nas *calmecac* buscando a relação dos códices com a “antiga palavra” pronunciada, ou seja, a relação entre a oralidade e o que estava escrito nos livros pictográficos. Os

sábios, responsáveis pela transmissão, baseavam seus discursos no que estava escrito nos códices elaborados antes da invasão estrangeira. Já os estudantes memorizavam o conteúdo apreendido. Todo esse conhecimento era transmitido oralmente e transmitido de geração em geração. A conclusão, aqui, é menos dramática. León-Portilla constata que, apesar da incerteza do processo de transvase da oralidade para a escrita, é possível afirmar uma íntima conexão entre o discurso oral e o livro. Ele apresenta exemplos de vários textos que, por evidências internas (indicações da oralidade no texto) e externas (vestígios arqueológicos) o conhecimento transmitido oralmente era uma leitura dos códices. Além disso, alega que os escritos dos sacerdotes e freis católicos, entre eles Andrés de Olmos (1485 – 1571) e Sahagún coincidem com o conteúdo dos códices. O que aponta como ressalva, a qual é de uma abordagem em uma área de estudo aparentemente a ele alheia, é se a aproximação à “antiga palavra” foi realizada de maneira adequada quanto à bagagem linguística, filológica e histórica (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 70). Desde o ponto de vista dos Estudos da Tradução, acrescenta-se nas ressalvas do historiador, a problemática da tradução.

A questão que se coloca e problematiza o trabalho do historiador é relativa ao que ele não pontua de maneira relevante em sua pesquisa tal como fez ao ponderar as questões linguísticas envolvidas no aprendizado do nahuatl clássico e na interpretação dos textos na língua indígena. Salienta-se, como elemento crucial de seu trabalho, a arte de traduzir. Em toda a obra *El destino de La palabra*, o historiador discute o conhecimento milenar indígena em língua espanhola mexicana, pois o nahuatl constitui atualmente uma língua de minorias e os estudiosos interessados na área encontrariam esse obstáculo em seu percurso ao pretenderem se aproximar da cultura expressa no idioma. Ora, a intenção de León-Portilla em recuperar a linguagem que configurava as tradições indígenas estende-se, neste sentido, para um conjunto de questões ainda maior: pode, a tradução do nahuatl para a língua espanhola mexicana,

albergar a linguagem expressa nos textos escritos que, por sua vez, remetem à oralidade da antiga palavra? A “antiga palavra” pode perdurar no alfabeto latino, mas ela perdura na tradução? Ou quando traça as características linguísticas via traduções de outrem, o historiador avaliou as traduções dos textos feitos por outros tradutores a fim de traçar as características linguístico-literárias dos *cuicatl* dos *tlahtolli*? A questão se coloca não apenas em relação ao papel da tradução no conhecimento da literatura nahuatl e como ela é discutida e dada a conhecer por intermédio da tradução, mas no tipo de tradução praticada a fim de manter a linguagem pré-hispânica.

3. OBSERVAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DOS CUICATLE DOS TLAHTOLLIEM

TRADUÇÃO

O estudo “*Cuicatl y Tlahtolli: las formas de expresión en nahuatl*” está dividido em quatro partes, a saber: (i) “*Los cuicatl: estructura y rasgos propios*”, (ii) “*Los tlahtolli: estructura y atributos propios*”, (iii) “*Diferentes géneros de cuicatl*”, e (iv) “*Diferentes géneros de tlahtolli*”. Analisar-se-ão aqui as duas primeiras partes, a partir de dois exemplos, sobre as estruturas e atributos próprios dos *cuicatl* dos *tlahtolli*.

Em (i), León-Portilla enumera uma série de atributos linguístico-literários dos *cuicatl* com base nos trabalhos de Garibay em *Historia de la Literatura Náhuatl* (1953-54), da linguista norte-americana e do historiador norte-americano James Lockhart em *La estructura de la poesía nahuatl vista por sus variantes* (1980):

Aqui levarei em consideração principalmente o trabalho de Garibay (1953, I, 59-106) e Frances Karttunen e James Lockhart (1980, 11-64). São traços relevantes no gênero dos *cuicatl* que se enumeram a seguir: a) Distribuição do seu texto em vários conjuntos de palavras, às vezes verdadeiros parágrafos. [...] Existência de várias

formas de ritmo e métrica. [...] Estilística dos *cuicatl*. Essa abarca as formas de estruturação interna, [...] igualmente o que se refere procedimentos característicos deste gênero de composições nahuas, como os paralelismo, difrasismos, correlações de frases, etc³⁴(LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 265, tradução nossa).

O que o historiador mexicano apresenta é um estudo do que já foi feito, pontuando o que lhe parece mais importante e apresentando as características acompanhadas de exemplos em nahuatl e suas traduções feitas não por ele, mas de outrem. Analisa, por exemplo, as unidades de expressão dos *cuicatl* através de uma tradução de Garibay:

Quadro 1: Trecho em língua nahuatl, tradução de Garibay e tradução nossa

Trecho em nahuatl	Tradução de Garibay	Tradução nossa
<i>Tlaoctoncuicacan tlaoctoncuicatoacan in xochitonalocalite, aya antocnihuan ¿Catlique? in niqicnamiq caninquintemohua quenonhuehuetitlan YenicanahOhuayaahuaya.</i>	<i>Cantemos ahora, ahora digamos cantos, en medio de la florida luz del sol, oh amigos. ¿Quiénes son? Yo los encuentro en dónde busco: allá tal cual junto a los tambores. (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 269)</i>	<i>Otra vez cantemos Otra vez entonemos Antes de los días de las flores, hermanos. ¿Dónde están? Yo los cerco ¿Por dónde bajan? ¿Cómo se encuentran en la casa de los tambores? Ohuayaahuaya</i>

³⁴Texto original: *Aquí tomaré en cuenta sobre todo lo expresado por Garibay (1953, I, 59-106) y por Frances Karttunen y James Lockhart (1980, 11-64). Son rasgos sobresalientes en el género de los cuicatl los que a continuación se enumeran: a) Distribución de su texto en varios determinados conjuntos de palabras, a veces verdaderos párrafos. [...] Existencia de varias formas de ritmo y metro. [...] Estilística de los cuicatl. Abarca ésta las formas de estructuración interna, [...] igualmente lo que se refiere a procedimientos característicos de este género de composiciones nahuas, como los paralelismos, difrasismos, correlaciones de frases, etcétera.*

--	--	--

Fonte: Elaborado por Sara Lelis de Oliveira no âmbito deste trabalho, set./2018.

León-Portilla afirma que a distribuição de versos na tradução do nahuatl é facilmente perceptível. Segundo ele, Garibay utilizou-se do paralelismo que existe em várias de suas frases, um recurso que “consistem em harmonizar a expressão de um mesmo pensamento em dois frases que, ou repetem com diversas palavras a mesma ideia (sinonímico), ou contrapõem dos pensamentos (antitético), ou completam o pensamento, agregando uma expressão variante, que não é pura repetição (sintética)”³⁵ (GARIBAY, 1953-54, p. 65, tradução nossa). Em primeiro lugar, observamos que León-Portilla sustenta um recurso que não é próprio da língua nahuatl, mas de literaturas ocidentais. Isso explica que sua análise se trata especificamente do texto traduzido ao explicar que as linhas (1-2, 4-5, 6-7, 8-9) “expressam ideias paralelas ou de complementação” (tradução nossa). Em efeito, as linhas 1-2 complementam-se em relação ao “canto” proferido pelo indivíduo, a linha 5 responde à linha 4, e as linhas 6-7 e 8-9 inscrevem-se em um mesmo contexto. Essas são afirmações que podem ser percebidas no texto em espanhol mexicano, mas que não são constatadas no texto em nahuatl. Não há, por exemplo, qualquer referência à oralidade presente nos terceiro e último versos em nahuatl [“*aya*”, “*ohuayaahuaya*”], “interjeições” frequentemente usada nos *cuicatl* e que não foram traduzidas e tampouco consideradas ou relacionadas como ideias complementares.

Na apresentação dos linguísticos dos *tlahtollios* atributos linguísticos identificados tampouco referem-se ao texto em língua nahuatl. No caso que se

³⁵Texto original: “...consiste en armonizar la expresión de un mismo pensamiento en dos frases que, o repiten con diversas palabras la misma idea (sinonímico), o contraponen dos pensamientos (antitético), o completan el pensamiento, agregando una expresión variante, que no es pura repetición (sintético)”.

apresentará, León-Portilla analisa a estilística de um *huehuehtlahtolli*, subgênero dos *tlahtolli* que se refere aos discursos proferidos pelos anciãos ou sábios no intuito de educar crianças e jovens ou em casa ou nas *calmecac* (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 344).

Quadro 2: Trecho em língua nahuatl, tradução sem autoria declarada e tradução nossa

Trecho em nahuatl	Tradução sem autoria declarada	Tradução nossa
<i>Ca yztonoc in tiquauhtli, in tocelotl</i>	tú que estás aquí, águila, tú, ocelote (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 297)	Estás aquí tú tendido, tú águila, tú ocelote

Fonte: Elaborado por Sara Lelis de Oliveira no âmbito deste trabalho, set./2018.

No trecho em questão, León-Portilla discute uma característica particular dos manuscritos em nahuatl: o *difrasismo*. Segundo ele, um *difrasismo* consiste na justaposição de dois vocábulos de conteúdo metafórico que, por sua vez, evocam um único pensamento que se deseja destacar (LEÓN-PORTILLA, 2013, p. 297). A discussão do trecho, no entanto, é vaga em relação ao atributo estilístico: “esse *difrasismo* expressa a ideia do homem como guerreiro”. Não há referência alguma ao que vem a ser o *difrasismo* em questão e a ausência de explanação sobre o recurso em língua nahuatl se repete ao longo de toda a análise do trecho, a partir dos quais ele expõe apenas ao único pensamento que é evocado. A própria definição do conceito é problemática tendo em vista que ela se pauta em um recurso – a metáfora – também utilizado na literatura ocidental e que surgiu no contexto da antiga Grécia: do grego *μεταφορά* *metaphorá*.

Estas breves considerações da análise de León-Portilla não pretendem, de forma alguma, invalidar o trabalho desse grande historiador mexicano. No entanto, desde o ponto de vista da tradução, nota-se a importância de levá-la em consideração nos estudos historiográficos de documentos que só são passíveis de serem acessados por intermédio da tradução uma vez que o nahuatl não é a primeira língua do historiador. O intuito é aprofundar o papel central que a tradução exerce nesse contexto de recuperação dos manuscritos em língua nahuatl, atitude de extrema importância nacional no México, bem como no propósito de León-Portilla de manter a linguagem pré-hispânica. A constatação da ausência de referência ao texto em nahuatl – tendo em vista o intuito linguístico – comprova-se a partir de nossa tradução para o espanhol. Notamos que a tradução a nível dos significados entre o par linguístico não proporciona o conhecimento linguístico-estrutural necessário para relacionar atributos próprios do nahuatl. Para tanto, é essencial a compreensão da língua estrangeira tal como postula o filósofo alemão Gadamer: “compreende-se uma língua quando se vive nela – um princípio que vale tanto para as línguas vivas como para as mortas. O problema hermenêutico não é, pois, um problema de domínio correto da língua, mas de correto acordo sobre um assunto, que se dá no *médium* da linguagem” (GADAMER, 2014, p. 498-499). Viver na língua consiste em ser conhecedor das estruturas de mundo as quais a língua engendra, isto é, ser conhecedor de sua cultura a fim de estabelecer a conexão entre língua e cultura. Nossa experiência de tradução, também a nível de significado, nos revela a imprescindibilidade de se conhecer a cultura e sua relação com a língua e distinguir o que pertence ou não à linguagem literária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pretendeu-se pontuar o papel crucial que exerce a tradução no estudo de um dos historiadores mais renomados do México, a

saber Miguel León-Portilla, em sua obra *El destino de la palabra* (2013). O historiador, ao abordar as inúmeras problemáticas envolvidas no processo de transcrição das tradições indígenas pré-hispânicas do nahuatl oral para o nahuatl escrito durante o período colonial mexicano do século XVI, questiona a possibilidade de conservar a linguagem oral indígena no texto escrito. A discussão, no entanto, ocorre a partir de exemplos dos manuscritos em língua nahuatl traduzidos para o espanhol mexicano, aspecto que o historiador não considera em sua exposição ao traçar uma série de características linguísticas dos manuscritos. A relação inscreve-se nas características da literatura ocidental, o que nos aponta para a hipótese de que não houve um aprofundamento no contexto linguístico-cultural dos mesoamericanos. Essa hipótese é sustentada a partir de nossa tradução para o espanhol, através da qual constatamos que a tradução apenas dos significados entre o par linguístico não oferece a compreensão necessária para enumerar características linguístico-literárias dos textos em língua nahuatl. Para tanto, é crucial analisar a estrutura interna da língua a partir da revelação da composição complexa e diametralmente oposta do nahuatl expressasno espanhol. Essa análise conduz ao estudo da cosmovisão nahuatl uma vez que a ordenação da linguagem pode indicar o pensamento nahuatl pré-hispânico.

A tradução, apesar de ser uma prática milenar, ainda é pouco considerada por diversas áreas do conhecimento. Não discutiremos, aqui, as razões de sua negligência, mas enfatizaremos sua extrema importância nas palavras do filósofo francês Antoine Berman:

...la importancia de la traducción reside [...] en que los diferentes saberes o actividades tomados en consideración todo se enfrentan a la traducción como problema. Tomemos los casos, más fáciles de abordar, de los saberes y actividades que ya tienen un nombre y un

*estatuto en nuestra sociedad*³⁶ (BERMAN, 2016, p. 6-7, tradução de Eugenio López Arriazu).

A constatação de Berman mostra-se patente no estudo de León-Portilla, localizado no âmbito dos estudos historiográficos, uma área já consolidada, uma vez que a análise dos *cuicatl* dos *tlahtollies* barra no problema da tradução. O acesso aos manuscritos em língua nahuatl deve ser considerado não só a partir da problemática que envolve sua compilação e transcrição do nahuatl oral para o nahuatl escrito, mas também da problemática da tradução.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 7. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

BERMAN, Antoine. *La era de traducción*. Tradução de Eugenio López Arriazu. Buenos Aires: Dedalus Editores, 2016.

CURIEL DEFOSSÉ, Guadalupe. El manuscrito “Cantares Mexicanos y otros opúsculos” de la Biblioteca Nacional de México: una tarea pendiente. *Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas*, Universidad Nacional Autónoma de México, v. 7, p. 71-82, 1995.

DÍAZ del CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*. Editorial Pedro Robredo. México: D.F, 1939.

GADAMER, Hans-Georg. A virada ontológica da hermenêutica no fio condutor da linguagem. In: *Verdade e Método I*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Revisão da tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2005, p. 497-631.

GARIBAY KINTANA, Ángel María. *Historia de la Literatura Náhuatl*. México: Editora Porrúa, 2 tomos, 1953-54.

HARDY-VALLEÉ, Benoit. *Que é um conceito?* Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2013.

³⁶Texto original : « ...l'importance de la traduction pour le Collège réside [...] en ceci, que les différents savoirs ou activités pris en vue [...] rencontrent tous la traduction comme question. Prenons les cas, plus aisés à aborder, des savoirs et activités ayant déjà un nom et un statut dans notre société ».

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices*. Os antigos livros do Novo Mundo. Tradução de Carla Carbone. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

_____. *El destino de la palabra*. De la oralidad y los glifos mesoamericanos a la escritura alfabética. 5. reimpressão. México: FCE, 2013.

NATALINO dos SANTOS, Eduardo. *Deuses do México Indígena*: Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002.

Recebido em 30/11/2018.

Aceito em 19/02/2019.